

A NOVA CONCEPÇÃO OPERACIONAL DO EXÉRCITO DOS EUA: A PREPARAÇÃO PARA NOVOS E COMPLEXOS DESAFIOS

Coronel Luiz Henrique Pedroza Mendes

O Coronel de Comunicações Mendes exerce atualmente a função de Oficial de Ligação do Exército Brasileiro junto ao Centro de Armas Combinadas (CAC) do Exército dos Estados Unidos da América, sediado no Forte *Leavenworth* - Kansas. Além dos cursos regulares da carreira, possui os cursos de Piloto de Helicóptero realizados no Brasil e nos EUA (UH-60 BlackHawk) e de Guerra Eletrônica.

Foi instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, comandante do 27º Batalhão Logístico, sediado em Curitiba - PR, assessor do Gabinete do Comandante do Exército e observador das Nações Unidas no Sudão (lhpmedes@yahoo.com.br).



Em outubro de 2014, o Comando de Treinamento e Doutrina (*TRADOC*) do Exército dos Estados Unidos da América (EEUA) expediu o documento intitulado *The U.S. Army Operating Concept. Win in a Complex World* que descreve uma nova concepção operacional. Trata-se de um documento sintético, contendo diretrizes gerais, porém resultante de profundos estudos doutrinários que carregam consigo a vasta experiência de décadas em combate, desde a Guerra do Golfo até os dias atuais, com os conflitos no Iraque e no Afeganistão. A publicação tem sido considerada um marco, com reflexos futuros na doutrina, no ensino, no preparo e na vida administrativa das unidades terrestres norte-americanas.

Este artigo não tem o objetivo de realizar comparações com uma nação da importância geopolítica e com o poderio econômico e militar dos EUA. No entanto, as mudanças

introduzidas pelo seu exército, após anos em combate, sugerem uma análise crítica, considerando que o Exército Brasileiro (EB) realiza atualmente um intenso esforço para transformar a Força, adequando-a para uma nova era. Neste contexto, tem a intenção de fornecer subsídios para uma reflexão sobre como o EEUA pretende preparar-se para o futuro e quais aspectos podem ser observados, analisados e aproveitados, dentro da conjuntura de mudanças em andamento no EB.

OS DESAFIOS DE UMA NOVA FASE

Mudanças no panorama geopolítico, ocasionadas pela disputa pelo poder e por recursos, influenciam o caráter do conflito armado. Essas mudanças, e a violência decorrente, ocorrem mais rapidamente que no passado devido aos avanços tecnológicos, à proliferação das informações e ao respectivo aumento da interação humana. (*The U.S. Army Operating Concept*, 2014)

Em 28 de dezembro de 2014, uma cerimônia na Casa Branca marcou simbolicamente o fim da participação de tropas norte-americanas em combates no Afeganistão. Naquela ocasião, o Presidente dos EUA agradeceu o esforço das mulheres e dos homens que se sacrificaram e declarou que a guerra chegava ao fim. Esse ato político foi uma consequência do compromisso assumido pelo Presidente com o fim da guerra e com a volta das tropas americanas, por ocasião de sua campanha para reeleição presidencial. De fato, a redução do efetivo vem ocorrendo a cada mês, porém cerca de dez mil soldados ainda permanecem no Afeganistão, com a

previsão de término de retirada para o fim de 2016.

Desde então, cortes orçamentários e reduções de efetivos passaram a estar presentes progressivamente nos planejamentos e nas execuções de desdobramentos, bem como na vida administrativa das unidades. Como consequência, especialistas iniciaram estudos e estabeleceram diretrizes para uma nova fase de preparação e emprego das tropas. Questões complexas surgiram e motivaram pesquisas e discussões, tais como, a volta de uma preparação para um combate regular de alta intensidade ou a continuação de uma preparação baseada no combate contra insurgência, dentro de megacidades ou ainda a adoção de uma preparação híbrida, voltada para as duas perspectivas. Coube, naquele momento, uma profunda reflexão sobre a conjuntura global atual e os reflexos futuros para o poder militar.

As pesquisas mostraram que adjetivos como instável e imprevisível estão cada vez mais presentes nas análises sobre a situação global atual e futura. A instabilidade e a insegurança acelerada em toda a Europa, no Oriente Médio, na África e no Pacífico, combinadas com as constantes ameaças dentro do território norte-americano, formam um conjunto de preocupações permanentes.

Destacou-se, ainda, que outros atores surgiram ou ressurgiram para tornar ainda mais complexo o cenário. O acirramento dos conflitos entre a Rússia e a Ucrânia; o gerenciamento caótico, pelos países europeus, de uma quantidade impressionante de imigrantes vindos da África e da Ásia; e o incremento da presença do Estado Islâmico (EI) estão trazendo mais implicações e dúvidas quanto ao futuro.

A despeito desta complexidade, tornou-se necessário inferir qual seria o provável ambiente operacional dos futuros conflitos para se estabelecer uma nova fase de preparação da força terrestre.

Tomou-se por base dados recentes publicados pela Organização das Nações Unidas (ONU), segundo os quais existem atualmente cerca de vinte cidades com mais de dez milhões de habitantes que recebem a designação de megacidades e, até 2025, serão mais de quarenta, demonstrando uma crescente e desenfreada urbanização em todo planeta. Baseada nesses números, a publicação *Megacities and the U.S. Army – Jun 2014* afirma que os EUA deverão enfrentar conflitos

que se desenvolverão, muito provavelmente, dentro de megacidades.

Os combates em terrenos urbanizados estiveram presentes nos últimos conflitos, levados a termo a partir da assimetria das forças envolvidas. Nessas ocasiões, pode-se constatar que os conflitos atuais se apresentam dentro de um ambiente onde estão presentes uma grande quantidade de relações humanas, nunca antes observadas. Dentro dessa perspectiva, presume-se que o emprego de armamento pesado e

de altas tecnologias ficará mais restrito e as ações militares deverão ser ainda mais descentralizadas, sendo a iniciativa a característica fundamental para os futuros líderes em combate.

Ainda dentro deste contexto, a relação entre os objetivos militares e os objetivos estratégicos tem se mostrada maior do que foi no passado. Atualmente, um pequeno fato no campo tático pode gerar um grande desgaste ou um grande avanço para a obtenção dos objetivos estratégicos, devido à eficiência e rapidez da mídia presente.

Numa visão geral da realidade atual enfrentada pelo Exército dos EUA, constata-se que a longa duração da guerra e a necessidade do emprego imediato da tropa geraram uma grande experiência em combate, mas trouxeram, como consequência, uma redução da importância do ensino.

No futuro, segundo a nova concepção operacional emitida pelo *TRADOC*, isto será ainda mais marcante; ou seja, as ações de combate deverão atender seus objetivos operacionais, porém deverão ter a consciência de que poderão gerar reflexos estratégicos consideráveis. Como consequência, há o pleno entendimento de que as ações militares devem estar muito mais alinhadas com os objetivos estratégicos estabelecidos do que foi no passado e colaborar, com mais ênfase, para que esses propósitos sejam atingidos.

Com o incremento das relações humanas nos conflitos futuros e a fluidez das comunicações, a dimensão cibernética passou a ser considerada como o espaço onde as informações e as relações humanas interagem, dentro de uma intensa guerra da informação (nos campos psicológico, cibernético, da comunicação social, etc). O domínio dessa dimensão torna-se, da mesma forma, crucial para o sucesso das operações militares.

Em essência, os estudos apontam para uma grande complexidade, com vasta gama de ameaças compostas por forças militares regulares e irregulares. Apresentam, ainda, um ambiente operacional repleto de relações interpessoais, onde as operações terrestres serão aquelas que permitirão atingir as demandas humanas, pré-requisitos para a obtenção dos objetivos operacionais. Como consequência, passou a ser um grande desafio para as forças militares adquirir capacidades para conduzir operações descentralizadas e, ao mesmo tempo, influenciar chefes de estados, líderes tribais, organizações não governamentais, além de lidar com a opinião pública, com a população local e com uma vasta gama de diferentes agentes presentes, tudo isso dentro de um ambiente urbano de difícil controle.

ALGUNS ENSINAMENTOS COLHIDOS DURANTE OS RECENTES CONFLITOS

Pensar claramente sobre futuros conflitos requer que se considerem ameaças, inimigos e adversários, missões previstas, novas tecnologias, oportunidades para utilizar as capacidades existentes de novas formas e

observações históricas e lições aprendidas.
(*The U.S. Army Operating Concept*, 2014)

Segundo o General de Divisão H.R. McMaster, atual Diretor do Centro de Integração de Capacidades do EEUA (*Army Capabilities Integration Center – ARCIC*), após a Guerra do Golfo de 1991, o pensamento sobre defesa caracterizou-se pela predominância de teorias que consideravam as operações militares como um fim em si mesmo. Os defensores da teoria ortodoxa da chamada revolução em assuntos militares (RAM) previram que avanços nas tecnologias de vigilância, de comunicações e da informação, aliados a armas de ataque de precisão, sobrepujariam qualquer adversário, produzindo vitórias rápidas, econômicas e eficientes. A guerra, então, foi reduzida a um exercício de seleção de alvos.

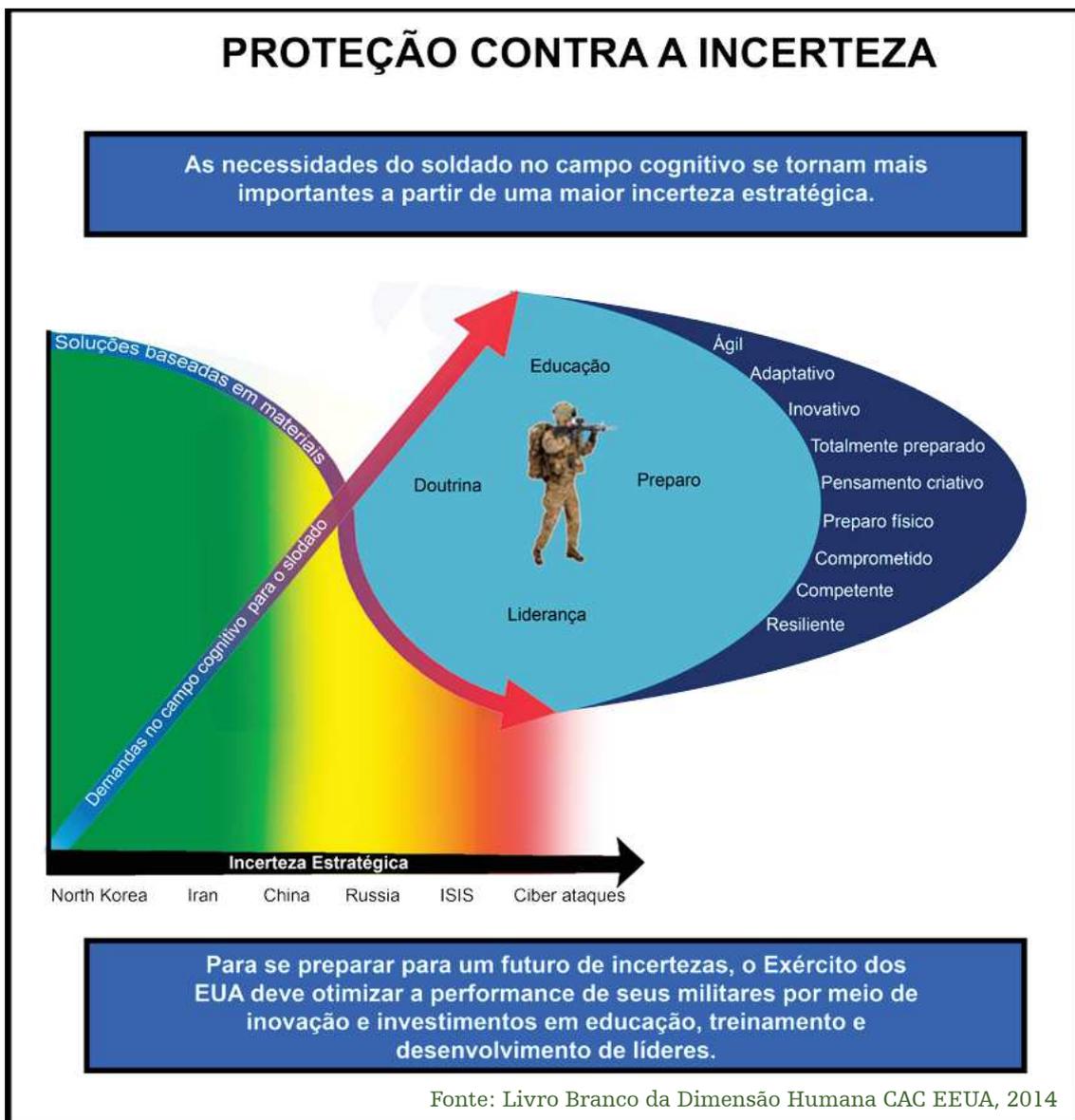
Esse pensamento pós Guerra do Golfo retirou dos combates, segundo o Gen McMaster, um aspecto importante e fundamental: o aspecto humano. Esse fato dificultou os esforços no Iraque e no Afeganistão por desconsiderar ou não destacar os aspectos culturais, sociais, religiosos e históricos dentro dos planejamentos militares. O uso intenso de alta tecnologia, bem como a falta de atenção aos aspectos humanos e sociais, retiraram a iniciativa dos militares e geraram dificuldades para a missão e perdas em combates.

Com essa lição em mente e considerando que esse ambiente de intensas relações humanas intensificar-se-á no futuro, o recém-publicado conceito operacional observa que as forças regulares e as de operações especiais devem trabalhar juntas para entender, influenciar ou induzir comportamentos humanos. Os comandantes, em todos os escalões, devem compreender as influências cognitivas, informacionais, sociais, políticas e físicas que afetam o comportamento humano e a missão. Desta forma, sugere a condução de ações positivas essenciais para tranquilizar aliados, influenciar partes neutras e dissuadir adversários.

Outro aspecto marcante, influenciado pela teoria da RAM, foi acreditar totalmente

que as informações de inteligência, quase perfeitas, possibilitariam operações militares precisas que, por sua vez, produziram uma vitória rápida. Segundo o Centro de Lições Aprendidas (*Center of Army Lessons Learned - CALL*), os planejamentos não levaram em consideração a capacidade de adaptação dos inimigos afegãos e iraquianos. O ritmo de mudanças dos opositores era constante, não sendo acompanhado por atualizações da inteligência ou por modificações táticas e estratégicas das tropas americanas, muitas vezes inflexíveis e sem capacidade de adaptação.

As lições aprendidas após os recentes conflitos mostram, por fim, que características como flexibilidade e agilidade devem ser incrementadas nas organizações, desenvolvidas e incentivadas nos militares e, por consequência, incorporadas aos planejamentos. Além disso, constatou-se que o excesso de controle possibilitado pelos eficientes meios de comunicações e de tecnologia da informação, somado à falta de confiança dos superiores em seus subordinados, retiraram dos militares a capacidade de ter iniciativa e tomar decisões próprias e, com isso, ocasionou a perda dessas



características frente às rápidas mudanças. A nova concepção operacional enfatiza, assim, a necessidade de soluções inovadoras e que os comandantes, em todos os níveis, permaneçam ágeis, mental e fisicamente, para tirar proveito das oportunidades. Para isso, destaca o desenvolvimento da confiança mútua entre superiores e subordinados e o emprego constante da “intenção do comandante” como a forma ideal de planejamento e de descentralização das ações.

A OTIMIZAÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS

O diferencial do EEUA em relação a seus inimigos advém, em parte, da integração de avançadas tecnologia com militares capacitados e equipes bem treinadas (*The U.S. Army Operating Concepts*, 2014).

Em abril de 2015, o Centro de Armas Combinadas (*Combined Arms Center - CAC*) do EEUA promoveu um seminário e convidou líderes dos exércitos de dezenove países, entre eles o Brasil, a apresentarem temas para discussão sobre como otimizar os recursos humanos, diante dos novos desafios e incertezas visualizados. O objetivo foi a troca de experiências e apresentação de melhores práticas. Nessa ocasião, o General de Divisão Robert B. Brown, Comandante do CAC, apresentou uma visão geral da realidade atual enfrentada pelo EEUA e afirmou que a longa duração da guerra e a necessidade do emprego imediato da tropa geraram uma grande experiência em combate, mas trouxeram, como consequência, uma redução da importância do ensino. Concluiu afirmando haver a necessidade de se encontrar novamente o equilíbrio entre a experiência do combate, o ensino e o preparo.

“A nova conjuntura, com a redução de recursos financeiros e de efetivo, somada aos ensinamentos colhidos em combate, indicam a necessidade de mudanças nas áreas de ensino e do preparo na busca de uma formação mais adequada dos recursos humanos, tornando-os mais flexíveis, ágeis e resistentes às novas ameaças e aos

ambientes cada vez mais complexos.” (Gen Div Brown, Comandante do Centro de Armas Combinadas, abril de 2015)

Coerentemente, o texto intitulado *The Human Dimension White Paper* (2014) afirma que os EUA investiram um grande volume de recursos financeiros, nas últimas décadas, no desenvolvimento de uma robusta indústria de defesa para possuir uma superioridade tecnológica frente a qualquer adversário ou ameaça. No entanto, dentro do ambiente operacional visualizado para o futuro, as soluções baseadas no material sozinhas não serão suficientes para derrotar uma gama extensa de ameaças, cada vez mais adaptáveis. A publicação mostra que para responder a este novo paradigma, o EEUA necessita investir no seu mais valioso recurso: o seu pessoal.

A publicação emitida pelo CAC apresenta, ainda, como a força terrestre norte-americana pretende otimizar a performance de seu pessoal. Para tal, estabelece estratégias e ações a serem tomadas, emitindo diretrizes para as mudanças a serem introduzidas na doutrina, no treinamento, na liderança e no ensino, buscando a formação de militares resilientes, líderes adaptativos e equipes coesas.

Assim, para otimizar seus recursos humanos, o EEUA está iniciando uma nova fase na preparação de seu pessoal e planeja concluí-la até 2025, por meio de três objetivos estratégicos: incrementar o domínio cognitivo, relacionado às modificações na área do ensino e aprendizado em todos os níveis; intensificar o treinamento realístico, relacionado ao aperfeiçoamento do atual treinamento, com a inclusão de elementos que caracterizem o ambiente complexo e ambíguo a ser enfrentado; e otimizar a agilidade institucional, relacionado a tornar a instituição mais ágil e capaz de incentivar inovações e absorver novas propostas, com uma velocidade compatível com a dinâmica do ambiente atual.

A tabela a seguir foi apresentada durante a Conferência Global sobre a Dimensão Humana, realizada no Forte Leavenworth, Kansas, em abril de 2015, e mostra as mudanças nos requisitos básicos do militar ao longo dos últimos anos, segundo os estudos realizados pelo Centro de Armas Combinadas do EEUA:

	1944 - 2001	2014 - futuro
ATIRAR	<ul style="list-style-type: none"> - engajar alvos com eficiência; - boa precisão; - equipamentos auxiliares de tiro simples. 	<ul style="list-style-type: none"> - regras de engajamento mais complexas; - poucos segundos para tomada de decisão sobre o uso ou não da força; - extrema precisão; - aumento do uso de equipamentos óticos e de visão noturna.
MOVER	<ul style="list-style-type: none"> - centralizados, enquadrado em escalões operacionais (pelotão, cia, etc); - consciência situacional derivada de um mapa; - área operacional reduzida; - operação em terreno difícil. 	<ul style="list-style-type: none"> - movimentos dispersos, descentralizados e independentes; - informações oriundas de sistemas sofisticados e compartilhados; - áreas de responsabilidade maiores (uma companhia pode receber uma área maior que uma área de batalhão no passado); - operações com a presença da população local em um complexo social e em qualquer terreno.
COMUNICAR	<ul style="list-style-type: none"> - procedimentos rádio; - de militar para militar. 	<ul style="list-style-type: none"> - redes digitais e de voz; - presença de representantes da imprensa, de agências internacionais e da nação hospedeira; - conhecimentos sobre a cultura local, negociação e mídia social; - comportamento de acordo com o discurso; - vencer a batalha da comunicação e informação.
PREPARO FÍSICO	<ul style="list-style-type: none"> - condicionamento físico básico (barra, flexão, abdominais e corrida de 3 km). 	<ul style="list-style-type: none"> - preparo total (físico, mental, social e resiliente).
DISCIPLINA	<ul style="list-style-type: none"> - fazer as coisas certas, mesmo sem a presença de alguém observando. 	<ul style="list-style-type: none"> - fazer as coisas certas, principalmente porque o mundo inteiro está observando.

Para atingir os objetivos estratégicos, foram traçados objetivos específicos assim descritos:

Objetivo estratégico 1 – incrementar o domínio cognitivo:

- otimizar o aprendizado intelectual, motivando melhorias metodológicas na área de ensino, com o incremento cada vez maior de tecnologia e modernos processos no ambiente escolar. Ensinar a aprender na sociedade do conhecimento é o enfoque principal;

- desenvolver inteligência social, na busca por gerar uma maior capacidade de entendimento dos aspectos sociais e obter, com isso, militares com um sentimento de compreensão das diferenças pessoais e com uma maior empatia social. Com isso, busca-se uma melhor aceitação do militar norte-americano nas áreas de desdobramentos externos, aspecto que foi apontado como deficiente nos combates no Iraque e no Afeganistão;

- buscar o preparo total, por meio de uma maior resistência física, psicológica e interação social. O enfoque não se limita ao preparo físico, mas na resiliência como um todo; e

- otimizar o processo decisório, buscando o aperfeiçoamento da aplicação dos processos

e métodos de tomada de decisão, bem como o desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão em ambientes novos e de forma descentralizada. Relaciona-se, ainda, à necessidade de aumentar o conhecimento de aspectos estratégicos pelos militares que atuam nos campos táticos e operacionais. Cada vez mais uma atitude no nível tático traz grande reflexo para o nível estratégico, justificando a necessidade de adaptação do ensino da disciplina estratégia para jovens militares.

Objetivo estratégico 2 – intensificar o treinamento realístico:

- prover um preparo acelerado, relacionado à eficiência do treinamento e à otimização do grande rodízio de pessoal. O emprego de *softwares* especializados e simuladores objetivando reduzir o tempo de preparo;

- incentivar a construção de equipes, relacionado ao campo afetivo da liderança e desenvolvimento da confiança mútua entre os militares, base para a descentralização de ações e valorização dos subordinados; e

- prover um ambiente de treinamento mais próximo da realidade, por meio da inclusão de aspectos cada vez mais complexos e verdadeiros no preparo.



Objetivo estratégico 3 – otimizar a agilidade institucional:

- desburocratizar e facilitar a educação, relacionado às melhorias das instituições das áreas de ensino. A criação recente da Universidade do Exército foi considerada um marco nesta evolução, principalmente por permitir que jovens militares possam transferir os créditos adquiridos em cursos militares para diversas universidades conveniadas; e

- aperfeiçoar o programa de gerenciamento de talentos, permitindo um direcionamento de pessoal para o local mais adequado e uma avaliação individual mais precisa e profunda, com reflexos para a carreira.

Dessa forma, o EEUA pretende formar militares extremamente capacitados a enfrentar os diversos desafios. Segundo o General Charles Krulak, “devem ser soldados capazes de, simultaneamente, aplicar com eficácia e precisão o poder de combate, conquistar o apoio da população e legitimar o poder central, atuando, não apenas, como plataformas de combate semi-autônomas, mas também como sensores de inteligência e vetores de operações psicológicas. Eles devem ser treinados e demonstrar aptidão para avaliar a situação tática, decidir com rapidez e agir por conta própria, explorando com habilidade as efêmeras oportunidades que se apresentarem, tanto no caótico ambiente físico à sua volta quanto no espectro informacional das mídias globais.”

O PODER TERRESTRE ESTRATÉGICO E A FORÇA 2025

Como preparar um exército, diante de tantas incertezas e de ameaças diversas? Essa foi uma das questões apontadas durante o seminário, em abril de 2015, diante de uma plateia de mais de duzentas e cinquenta pessoas. Na ocasião, diversos pontos que influenciam o tema foram levantados, porém um se destacou: a cada vez mais estreita relação entre os campos táticos e estratégicos nos combates terrestres.

Esse aspecto já havia sido enfatizado quando, em maio de 2013, o EEUA, o Corpo de Fuzileiros Navais e o Comando de Operações

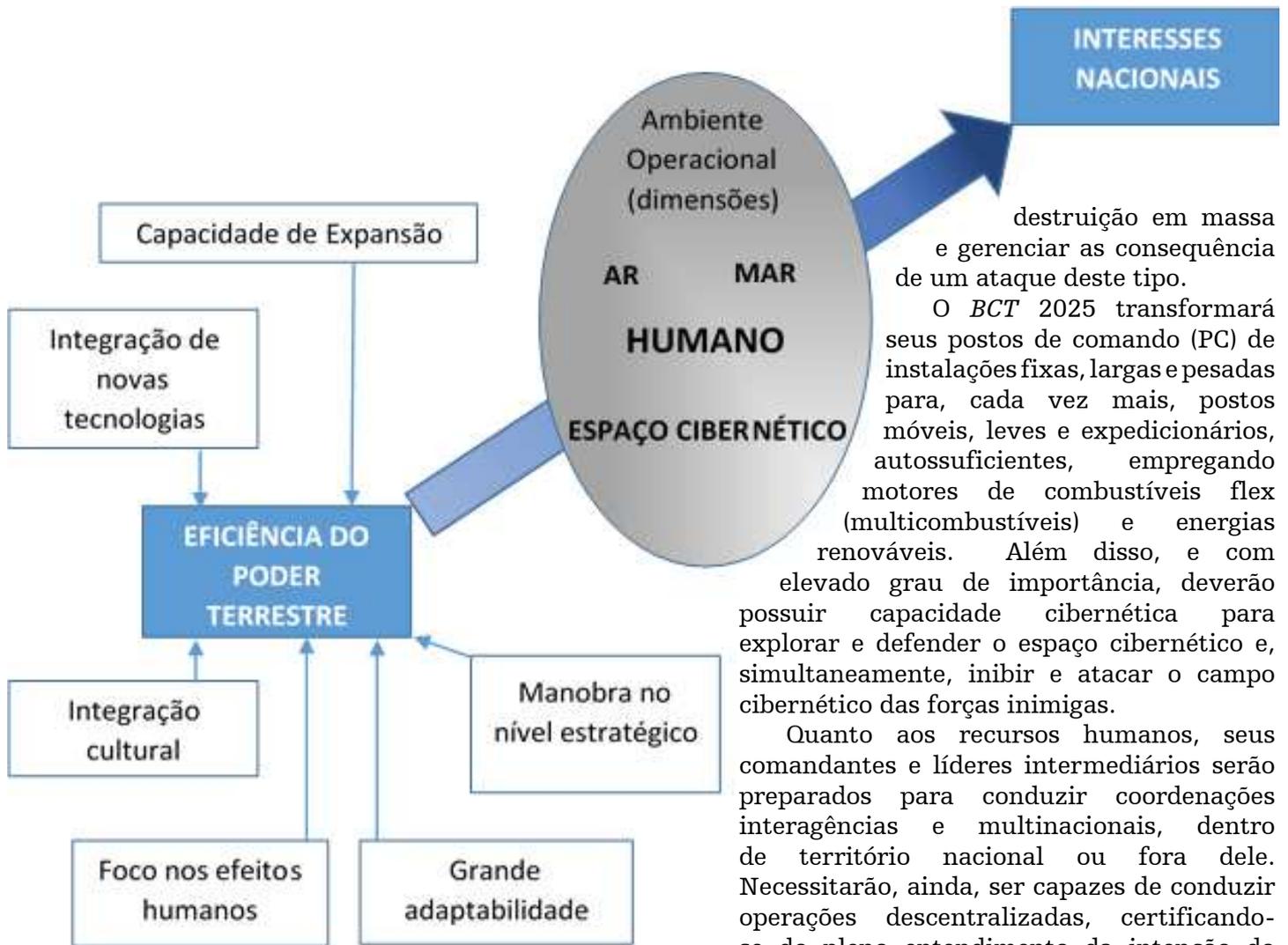
Especiais emitiram conjuntamente a publicação *Strategic Landpower: winning the clash of wills*, onde manifestaram a necessidade ainda maior de coordenação entre as forças e expressaram o conceito de *strategic landpower* (poder terrestre estratégico) da seguinte maneira:

É o poder terrestre capaz de empregar todos os atores que o compõem (Exército, Fuzileiros Navais e Forças de Operações Especiais), de forma eficiente e sincronizada, no sentido de atingir os interesses nacionais futuros, com um amplo domínio no campo cibernético e, principalmente, uma otimização das relações no campo humano: com a população local, os parceiros e aliados, a comunidade internacional, os órgãos de imprensa, entre outros atores presentes.

Esse conceito define a visão de um poder militar terrestre eficiente, nos níveis tático e operacional, e extremamente alinhado com os objetivos estratégicos e os interesses nacionais. Para tal, necessita obter um pleno domínio em todas as dimensões do campo de batalha: ar, mar, terra (dimensão humana), além do espaço cibernético.

Essa visão futura do EEUA para suas tropas está baseada no escalão brigada, onde o atual *brigade combat team (BCT)* será o componente principal de emprego, possuindo mais poder de combate e uma capacidade expedicionária ainda maior. Para atingir esses propósitos, já estão em andamento exercícios, experimentações, avaliações e outros esforços concentrados em determinar como essas forças serão organizadas e desenhadas. Este projeto chama-se *Force 2025 Maneuvers*.

De acordo com o atual programa de desenvolvimento, o *BCT 2025* possuirá alta mobilidade, uma maior proteção contra fogos diretos e realizará fogos precisos contra o inimigo a uma distância ainda maior. Suas plataformas aéreas terão uma maior autonomia, grande alcance e atingirão maiores velocidades de deslocamento. Assim, terá uma maior capacidade de combater e derrotar forças inimigas, conduzindo operações de armas combinadas e empregando simultaneamente uma combinação de mecanismos que



destruição em massa e gerenciar as consequência de um ataque deste tipo.

O *BCT 2025* transformará seus postos de comando (PC) de instalações fixas, largas e pesadas para, cada vez mais, postos móveis, leves e expedicionários, autossuficientes, empregando motores de combustíveis flex (multicombustíveis) e energias renováveis. Além disso, e com elevado grau de importância, deverão possuir capacidade cibernética para explorar e defender o espaço cibernético e, simultaneamente, inibir e atacar o campo cibernético das forças inimigas.

Quanto aos recursos humanos, seus comandantes e líderes intermediários serão preparados para conduzir coordenações interagências e multinacionais, dentro de território nacional ou fora dele. Necessitarão, ainda, ser capazes de conduzir operações descentralizadas, certificando-se do pleno entendimento da intenção do comandante pelos escalões subordinados, do desenvolvimento da confiança mútua e do estabelecimento de equipes e grupos coesos. Para tal, os líderes do EEUA estão planejando como identificar, atrair, desenvolver e reter pessoas com inigualáveis capacidades nos campos cognitivo, físico e social para exercer funções nas unidades operacionais.

CONCLUSÃO

O EEUA está em pleno estado de mudanças, comprometido em pesquisar, pensar e aprender sobre os próximos conflitos armados. Seus atuais estudos objetivam determinar quais são as capacidades que precisa adquirir, ou aperfeiçoar, para vencer no futuro, motivando alterações coordenadas e sincronizadas no ensino, na doutrina e no preparo.

A despeito da incerteza reinante, a nova concepção operacional aponta para uma preparação híbrida como a melhor opção

colaborem para o combate convencional e não convencional.

Está sendo projetado, ainda, para ter a capacidade de suportar operações centralizadas e descentralizadas por um extenso período de tempo, dentro de uma larga área de atuação e uma grande variedade de manobras. Essa maior capacidade de sustentação tornará as forças mais flexíveis, com uma reduzida demanda por energia e capazes de se adaptar a uma maior variedade de situações, utilizando-se de limitados recursos e empregando fontes de energia renováveis.

Outro aspecto que chama a atenção é que as forças 2025 serão capazes de detectar ameaças químicas, biológicas, radiológicas e nucleares (QBRN) e operar em um ambiente contaminado, protegendo-se eficientemente desses agentes. Terão, ainda, a capacidade de sobreviver, combater o emprego de armas de

e o projeto Força 2025 é a resposta norte-americana para esta nova fase. Não há qualquer menção ao abandono da preparação para a guerra convencional. Há sim, um grande investimento na preparação dos recursos humanos, tanto para capacitá-los ao combate regular de alta intensidade, como para atuar nos conflitos não convencionais, em ambiente urbano, com restrito poder de choque e apoio de fogo.

Uma questão a ser pesquisada com

profundidade é como essas mudanças e esses conceitos estruturais formulados pelo EEUA, frutos de mais de uma década de combates, podem ser adequados à realidade e à preparação de outras forças armadas. No entanto, cabe ressaltar que os novos desafios apresentam-se de formas comuns a todas as nações do mundo e que experiências militares são ricas fontes de ensinamentos que não devem ser desprezadas por qualquer força armada em processo de transformação.

REFERÊNCIAS

- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Departamento de Defesa. Joint Publication 3-12, **Cyberspace Operations**, 2013.
- _____. Exército dos EUA. Army Doctrine Publication (ADP) 6-0, **Mission Command**, 2012.
- _____. Exército dos EUA. **The U.S. Army Operating Concept**, 2014.
- _____. Exército dos EUA. TRADOC Pam 525-3-7, **The U.S. Army Human Dimension Concept**, 2014.
- _____. Exército dos EUA. **Strategic Landpower: winning the clash of wills**, 2013.
- _____. Exército dos EUA. **The U. S. Army Operating Concept: win in a complex world**, 2014.
- _____. Exército dos EUA. **Megacities and U.S. Army**, 2014.
- _____. Exército dos EUA. **The Human Dimension – white paper: a framework for optimizing human performance**, 2014.
- _____. Exército dos EUA. Manual de Campanha FM 3-38, **Cyber Eletromagnetic Activities**, 2014.
- KRULAK, C. Charles, **The strategic Corporal: leadership in the three block war**, 1999.
- LUSHENKO Paul and HAMMERSCHMIDT David, **De volta para o Futuro: como conduzir a instrução militar para vencer em um mundo complexo**, Military Review, edição Brasileira, Jul/Ago 2015.
- McMASTER H.R., **A Continuidade e a Mudança: o conceito operacional do Exército dos EUA e um pensamento claro sobre a guerra do futuro**, Military Review, edição Brasileira, Jul/Ago 2015.
- SULLIVAN, Gordon R., **Aperfeiçoando a sincronização para alcançar a vitória decisiva**, Military Review, edição Brasileira, 1993.
- VISACRO Alessandro, **Superando o caos: a função de combate comando e controle além da tecnologia da informação**, Military Review, edição Brasileira, Set/Out 2015.

